

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A Literatura e a Narrativa Histórica

Antonio Paulo de Moraes Resende

*A questão é a história em si, e não cabe  
a história dizer se ela significa ou não alguma coisa.*  
(Paul Auster)

**Resumo:** O texto tem como objetivo construir um diálogo sobre a narrativa e a sua importância no ofício do historiador. Nesse diálogo é importante a dimensão estética e as possibilidades que a literatura oferece na busca de novos caminhos para tornar a narrativa do historiador mais leve e sedutora.

**Palavras - chaves:** História - Narrativa- Literatura.

**Abstract:** The text wants to construct a dialogue about the narrative and your importance in the historian's work. In that dialogue is important the aesthetics dimension and the possibilities that the literature offers in seek of news ways to remake the historian's narrative more light and seductive.

**Key words:** History- Narrative - Literature.

## I

O diálogo da história com outros saberes não é recente. Há questões que permanecem polemizando. Prefiro não entrar nas controvérsias, mas afirmar meu caminho. Considero importante a proximidade com a literatura, não apenas como fonte, para contemplar a diversidade de olhares históricos sobre o que foi vivido. Não há como negar a dimensão criativa e a capacidade de compreender a aventura das obras literárias. A narrativa quebra monotonias, estabelece dissonâncias, estica a medida de análise da convivência social. O texto histórico se alarga, quando acolhe contraponto e não fica escravo de fontes oficiais ou bem-comportadas, em nome da existência de uma verdade científica. Mas há outros entrelaçamentos com a literatura que me atraem. Estão relacionados com a dimensão mágica da palavra e do seu poder de sedução.

É comum, em muitos escritores, uma atenção para essa perspectiva. Nos mais contemporâneos, pode-se visualizar a presença constante da reflexão sobre a existência de

algo transcendente, que não se esgota com as explicações mais racionais, do que chamo de magia ou espaço de encantamento das narrativas literárias. Cito os que mais conheço: García Márquez, Jorge Luís Borges, José Eduardo Agualusa, Paul Auster, Ítalo Calvino, Octavio Paz, Guimarães Rosa entre tantos outros, com os quais procuro tecer um diálogo. Além disso, a literatura traz desafios para quem mergulhar nas questões metodológicas da pesquisa, para quem afirma que a história é uma relação entre o contar e o viver. Não dá para pensar uma sem o outra. Se a forma de escrever envolve com seu encantamento, as concepções de mundo delineadas no texto literário mostram compreensões que ajudam ao historiador a fugir da mera explicação determinista, buscando a simultaneidade. A literatura é mais um alerta para evitar-se o homogêneo.

A palavra não é mero sinal gráfico, ela provoca e alicerça a imaginação.<sup>1</sup>A literatura se alimenta dessa relação com a história que está sendo vivida como abertura para se construir utopias, fundamental para administrar as dores e os amores nas suas inquietudes. A palavra é instituinte, projeta mundos, tem uma concretude particular. Octavio Paz sintetiza o significado maior da palavra para construção da cultura:

*La palabra es el hombre mismo. Estamos hechos de palabras. Ellas son nuestra única realidad o, al menos, el único testimonio de nuestra realidad. No hay pensamiento sin lenguaje, ni tampoco objeto de conocimiento: lo primero que hace el hombre frente a una realidad desconocida es nombrarla, bautizarla (PAZ, 1999: 58).*

Paz articula a palavra à produção do conhecimento: o que não tem nome é desconhecido. E radicaliza: “No podemos escapar del lenguaje... Nosotros somos su mundo y ellas el nuestro” (PAZ, 1999: 58).

## II

Vivemos entre o desejo e a necessidade. A ambigüidade convive com os nossos cotidianos de forma quase absoluta. Talvez seja esse o nosso maior drama e não a nossa maior tragédia. O drama tem relação com a nossa capacidade de remoer a existência, o que Freud chamaria de compulsão à repetição. O drama é indispensável para constituição do sujeito. Como pensar a vida sem a presença do passado, muitas vezes melancólica, nos amarrando a lembranças insones? Nossa maior tragédia é a teimosia de não aceitar que somos finitos, dominados pela incompletude. Temos uma dificuldade imensa de partir, queremos sempre construir ninhos. A cultura é o nosso maior ninho. Somos criadores da cultura, mas também

---

1

suas criaturas. Por isso somos raízes e pássaros. Não podemos viver só na profundidade. Temos que voar, sair das cavernas e dos abismos. Invadir o azul e sua luz. Ter asas e não ficar adormecidos nas esquinas dos labirintos. A cultura é a ponte, é parte fundante da história. A sua geometria é desenhada por contrapontos, com se dialogasse com a Sagração da Primavera de Stravinsky. Na cultura encontramos a barbárie da bomba atômica e o sonho de um adágio de Mahler, a estupidez do totalitarismo e a beleza de um poema de Neruda. A cultura se institui como travessia incerta. É preciso significá-la.

Duas palavras resumem, então, a linguagem, e traduzem todas as metáforas possíveis de serem inventadas: raízes e asas. Não somos os quatro elementos, mas apenas dois: terra e ar. Temos que levar. Quem não levita não sobrevive. Morre do vírus guardado do penso logo existo. Talvez fosse melhor, outras afirmações mais ousadas, mais contemporâneas: olho logo existo ou mesmo vôo logo existo. O pensamento não diz tudo. Tem um poder enorme de ocultação. Para cada tempo deve haver uma ordem maior que vai se diferenciando do que passou. Descartes desafiou os conformismos filosóficos de sua época. Hoje, o mergulho é outro. Vivemos das fusões, do mundo das trocas impossíveis.

O viver é um constante exercício de interpretação. As linguagens nos dominam com a correspondência mágica das suas palavras. Quem esconde a verdade que deve ser traduzida, o sujeito ou objeto? Pergunta sem resposta. Fica o incômodo para quem continua adormecido no berço frio do positivismo, para quem pensa que a história é um território cercado de fronteiras impenetráveis, sem lugar para a fantasia, mas apenas para o fato, quem pensa que o historiador somente é aquele que é escravo da poeira dos arquivos. Ele vive das fontes, mas é também fonte, não vê o passado como túmulo, o tempo como exclusivamente linear, mas a simultaneidade que contagia cada momento de invenção da história. Não se pode perder de vista que a história é uma reflexão sobre o vivido, articulada com as experiências que estão sendo vividas. Estamos diante de um grande espelho, com imagens mutantes de traços sinuosos e o passado é um espelho que tem vida. A verdade é produto de relações de poder, não um cristal transparente.

A literatura é uma fonte de tradução dos significados. Seu território é o da imaginação, das assombrações dos arquétipos. Quem se conecta com a arte aprende a levar. Quem se aproxima da literatura, ler o mundo nas suas mais amplas traduções. Cria intimidades com o invisível. A literatura concilia, sonha, interioriza, disfarça, seduz. Não pertence nem a Apolo, nem a Dioniso, é luz/sombra como o Zaratustra de Nietzsche. Quem se sente incapaz de seduzir, conhece a literatura, como quem maneja um cabo de vassoura ou liga um ventilador. Aliás, o campo da arte é o campo da estética, não há estética sem sedução,

como não há política sem persuasão. Não devemos perpetuar uma herança que maldiz a sedução, reduzindo-a à mentira e ao engano. Toda invenção da cultura tem seus contrapontos. A demonização absoluta é um perigo. O combate entre os demônios e os anjos é uma invenção, uma forma de prolongar o dualismo ético que nos persegue. Eles são apenas criaturas e como criaturas estão em busca da salvação.

A literatura mantém um pacto com a solidão. Paul Auster afirma que

*Todo livro é uma imagem da solidão. É um objeto tangível, que se pode levantar, baixar, abrir, fechar, e suas palavras representam muitos meses, quando não muitos anos, da solidão de um homem, de tal modo que, para cada palavra que lemos em um livro, podemos dizer a nós mesmos que estamos diante daquela partícula de solidão. (AUSTER, 1999b: 153).*

A solidão é uma forma de estar no mundo, mas não de negar o conviver como fundamental para afirmação da cultura. No seu silêncio, a linguagem também abraça e envolve seus sujeitos. A literatura testemunha a multiplicidade que marca esse conviver, suas (con)fusões. Não há porque dissociar a arte da ciência. Por que abolir do conhecimento científico sua dimensão estética? A cultura flui porque seduz e o mundo é o espaço da multiplicidade. Herdamos preconceitos mesquinhos. Trazemos censuras na nossa subjetividade. É preciso estar atento, senão terminamos como bigbrothers acadêmicos, fechados em nossos gabinetes, certos que temos verdades inquestionáveis, quando só temos amarguras e armaduras, praticando uma violência simbólica e sofisticada, deseducando mentes e corações. Sacralizando sempre a mesma ordem, mudamos o nome da *griffe* do saber, sem entender que para sempre é sempre por um triz. Não esqueçamos que *O hábito é um grande entorpecente*, como dizia Becket.

A literatura combate as cartografias que escondem vaidades solitárias, corações mal amados, torturados pela necessidade de eliminar o outro, como garantia de sobrevivência. A literatura denuncia o mau gosto. A literatura é uma prática radical de levitação. Claro que estamos falando de uma literatura que é efetivamente uma tradutora da vida, e não aquela que se resume aos anúncios de classificados de jornais. A literatura que encanta, que não precisa de adjetivos para qualificá-la, que estica nossas almas, bordando os cordões mais sutis e significativos das rendas da vida.

São tantos os cavaleiros, os quixotes da literatura. São tantas as escrituras testemunhas de que a história é a construção cotidiana da possibilidade. Somos todos contadores de histórias. A narrativa é nossa matéria-prima, o ponto de exclamação da nossa complexa existência. Através dela recuperamos e inventamos sentidos, mas podemos concluir

perplexos que no final todas as vidas não passam de uma soma de fatos contingentes, uma crônica de interseções fortuitas, causalidades que nada revelam senão sua própria falta de propósito (AUSTER, 1999a: 237). No exercício da narrativa, a história amplia sua diversidade. Para que eleger uma narrativa única? Ela deve comunicar, atrair, encantar. Na narrativa nos conhecemos ou melhor nos reconhecemos. Não é uma fotografia estática do passado. É uma travessia. Uma imensa e surpreendente travessia onde a palavra se alarga. Palavras, recordações, sentimentos, ritmos, negações, provisoriiedades. Como diria o poeta a vida vem em ondas como o mar. Dialoga com o mundo, incessantemente. Por que não encontrá-la?

### III

Contar uma história parece encerrar um desejo definir algum sentido. Há sempre uma expectativa de revelação, sem deixar de lembrar que existe um entrelaçamento que articula o contar e o viver. Não se conta uma história que nada tem com a vida. A própria narrativa vincula-se com a forma de viver, de se relacionar com o mundo e com as pessoas. As histórias não surgem do nada, embora não seja apenas imagem de um real definido e imutável. Contar uma história é, portanto, uma passagem, onde o ponto final não significa a impossibilidade do retorno. Não importa o tema, a questão, a aventura. Não há como aprisionar os desejos ou a imaginação. As histórias seguem, como a vida segue, com suas permanências e mudanças. Todos somos narradores, por isso não há como pensar em finalizar, em abandonar a trama e classificá-la como única. Estamos no território das interpretações, onde os sonhos são sinais de encontros e não sinalizações de loucuras adormecidas.

No século XIX, defendeu-se que cabia ao historiador contar a história como ela realmente aconteceu. Era sagração da objetividade sem vacilações. Tempos onde as ciências ainda se buscavam, sem conseguir desenhar suas fronteiras, onde valia o discurso do método de Descartes e as regras do positivismo de Comte, onde a lógica conjuntista-identitária possuía a soberania. O movimento dos saberes é avassalador. Vive-se a presença de um relativismo que se expande pelo pensamento de forma quase absoluta. Não há a verdade, mas sim verdades, contaminadas pelas relações de poder. Maior certeza são as nossas incertezas que vagueiam pelo mundo do conhecimento, onde as fronteiras são imperceptíveis.

Não somos espelhos fixos de alguma imagem. Discute-se o conceito de real. Ressaltam-se a subjetividade, a singularidade, o cerco de tantas coisas que estão inscritas no cotidiano. Seria quase impossível consagrar uma única verdade, diante de um social repleto de divergências e conflitos. Tudo isso dialoga com o ofício do historiador. São os ventos que

conduzem sua surpreendente navegação. Sua narrativa não é única, suas fontes de pesquisa não são exclusivas detentoras da verdade. Sua travessia é labiríntica e não linear. Está no mundo, no sem sossego do mundo, costurando palavras, vestindo os anseios do outros, respondendo questões e inquietudes que, nem sempre, são suas. Não se trata de definir verdades, mas de tentar entender como as relações de poder criam um discurso para justificar essa subordinação.

Envolvido nas travessuras do seu tempo, o historiador não registra apenas os feitos do passado como algo imutável. O passado é uma invenção do presente. Os tempos históricos não se distanciam, não há entre eles separações, mas sim distinções que nos ajudam a compreender as suas diferenças. Constroem-se dialogando e não criando hierarquias, como defendem os idealizadores das artimanhas do progresso. Não existe, portanto, um tempo superior a outro, mas sim lugares onde as histórias foram vividas e contadas nas suas singularidades. O olhar sobre o passado vem acompanhado das questões que são vividas no presente. Mudando essas questões, muda a direção do olhar. O tempo histórico não admite mortes. Desconfia das escatologias. Não pode fugir das turbulências, nem dos naufrágios. Cada época elege seus valores, subverte suas ordens, nomeia suas transgressões. O historiador parece, às vezes, um exilado, mas é um ator no cenário do seu presente. Sua narrativa inventa e (des)inventa cárceres, comprometida com as circunstâncias que o formam, como tatuagens.

O historiador arquiteta memórias, seleciona lembranças e esquecimentos. Escrever a história montar quebra-cabeças gigantescos, com traços desiguais, misturando imagens, revivendo os quadros de fase cubista de Picasso. Perde-se quando se antecipa geometrias, querendo estabelecer alicerces, para o que está sempre se movendo. Caminha sem saber onde vai chegar, amedrontando-se com as sinuosidades. Por isso que o desenho da história tem o mistério dos labirintos. Há saídas, há portas e muitos espelhos nas suas paredes. As portas nos levam para um novo labirinto. Os espelhos são armadilhas que nos abrigam a contemplar nossas imagens, sem a possibilidade da saída. Sem nos desencontrarmos, ficamos saturados da mesmice, pois a história se refaz quando é a construção da possibilidade.

O mundo das metáforas não é o mundo da fuga. O homem é uma metáfora, pois se produz construindo imaginários. A metáfora sintetiza as agonias e as luzes. Uma sociedade que não é testemunha de sonhos, sufoca-se na idéia de destino, deixa-se cegar pelo brilho de seus espelhos. Nos traços da sua história, a sociedade busca identidades. Elas não são avistadas de forma imediata. A complexidade exige uma constante decifração do diálogo entre os tempos. Os tempos se movimentam, porque são uma invenção histórica. Não há um sentido pré-determinado para nossas aventuras. Ele é também construído, tecido exaustivamente como o manto de Penélope.

O território da história é amplo, nunca possui um desenho definitivo. No entanto, é preciso está atento, para sentir os ruídos e os silêncios do que se movimenta. Tudo parece, às vezes, uma grande ficção. Não importa. Não existe linguagem sem engano (CALVINO, 1991: 48). Suas ambigüidades são muitas. No que se revela, se esconde; no que se esconde, se revela. Não há como negar: as palavras são tentativas de síntese e não superação dos limites da relatividade. O movimento das vidas, das histórias e das pessoas predomina como afirma Guimarães Rosa:

*Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas-mas que elas sempre mudam. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra montão* (ROSA, 1986: 21).

O historiador tem uma conexão com o inacabado, com o que se refaz a cada momento. Sua narrativa é sempre um caminho para compreender os significados das práticas sociais. Desde as histórias de Heródoto há uma perplexidade diante do desconhecido, uma vontade de desnudar seus mistérios, de mostrar as diferenças. Como ressalta Jean-Marie Gagnebin: “Esta profusão de dados que nos parecem heterogêneos e que incomodam os sérios professores atuais, preocupados em distinguir a história da geografia ou a sociologia da antropologia, esta profusão não embarça Heródoto, pelo contrário (GAGNEBIN, 2005: 14) A linguagem do mito foi perdendo sua força de explicação em nome do discurso científico. Heródoto viveu no tempo onde a oralidade tinha força e proximidade com a tradição mítica, onde o maravilhar-se não era proibido. E ele opera, segundo Gagnebin,

*Uma partilha entre dois tipos de narrativa que correspondem a duas formas de tempo: há uma narrativa mítica, lendária, sem cronologia possível, que remete ao tempo afastado dos deuses e dos homens; e há uma narrativa histórica (de um tempo pesquisável e pesquisado), com referências cronológicas passíveis de serem encontradas, que trata do tempo mais recente dos homens* (GAGNEBIN, 2005:17).

Quem pensa que o mito morreu desconhece as artimanhas que o fizeram sobreviver. Ele ganhou outros significados, numa sociedade onde a racionalidade construiu um império aparentemente inexpugnável.

Dialogando com a literatura, o historiador mantém o espaço do maravilhar-se e do encantamento, sua narrativa não fica restrita à escravidão das provas. A cultura é feita também com toques, olhares e afetos, e não somente com o aço e o cimento dos edifícios das metrópoles. Dentro dessa perspectiva, podemos maravilhar-se com as fábulas de Calvino, sentar-se e habitar nas esquinas das suas cidades invisíveis. A palavra desencantada é o anúncio da morte da

narrativa. Quem gostaria de viver a vida sem poder contá-la? A mais doce ilusão e o mais amargo desamor só existem porque, um dia, os nomeamos e mesmo com hesitações, construímos as suas narrativas, entrelaçando lembranças com esquecimentos, ouvindo os versos silenciosos de um anjo que quis ser *gauche na vida*.

### **Referências bibliográficas:**

AUSTER, Paul. **A Invenção da Solidão**. São Paulo: Cia. das Letras. 1999b. Pp. 153-179.

\_\_\_\_\_. *O Quarto Fechado* In: **A Trilogia de Nova York**. São Paulo: Cia das Letras. 1999a. Pp. 9-237.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. Pp. 48.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O início da História e as lágrimas de Tucídedes* In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005. Pp. 14-17.

PAZ, Octavio. *El Arco y la Lira*. In: **Obras Completas. La casa de la presencia: poesia e historia**. 2ª edição. México: Fondo de Cultura Econômico. 1999. P. 49 - 58.

ROSA, Guimarães J. **Grande Sertão: Veredas**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. Pp. 21- 406.